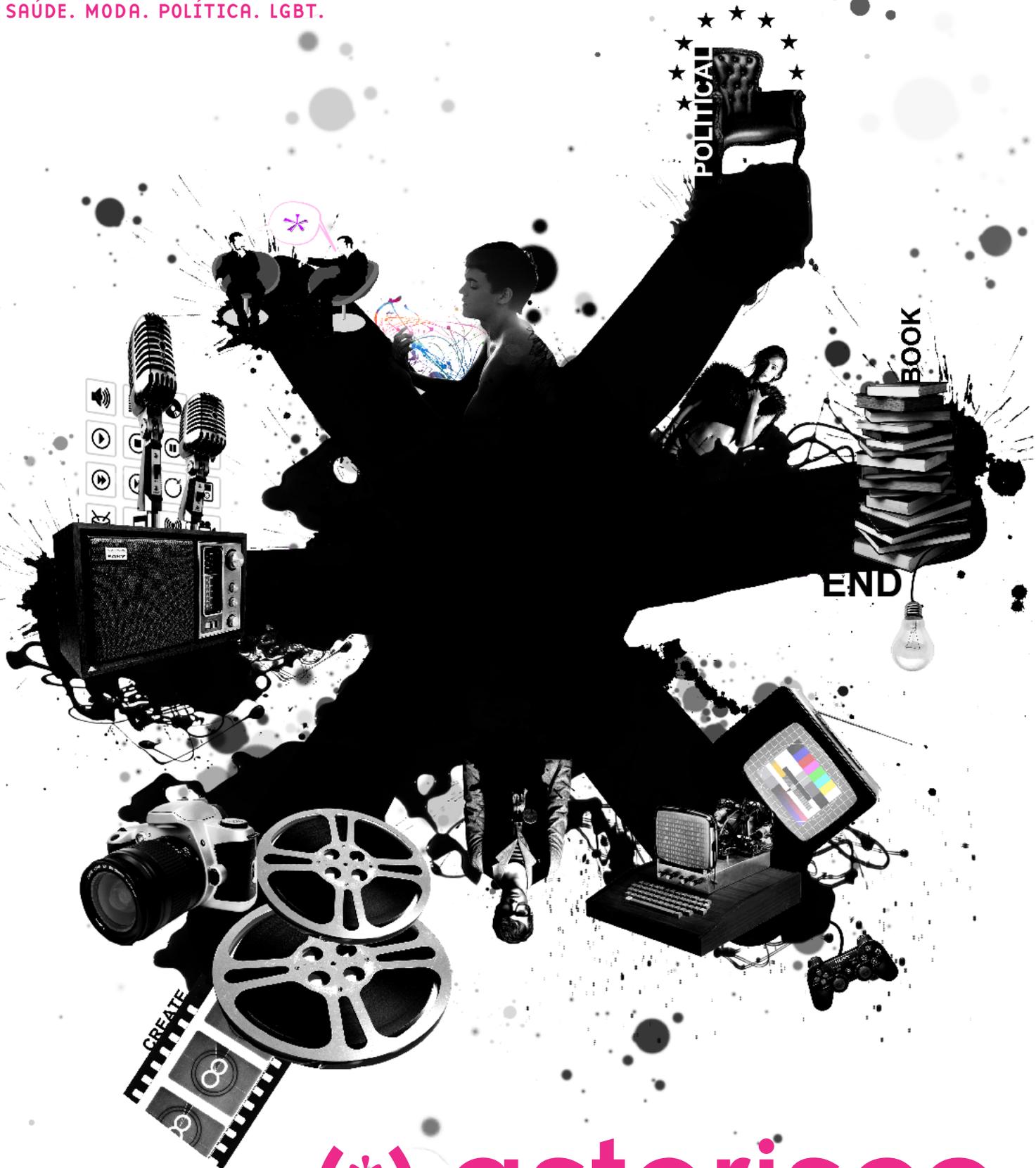


MÚSICA. FOTOGRAFIA. TECNOLOGIA.
CINEMA. LITERATURA. DESPORTO.
SAÚDE. MODA. POLÍTICA. LGBT.



(*) asterisco

#001 ABRIL 2010



Direção:
Ana Pires

Edição:
Ana Pires
Isabel Martinez
Joana Dias
Sara Oliveira

Edição Online:
Tiago Oliveira

Grafismo:
João Ribeiro
Pedro Rodrigues

Imagem & Fotografia
Hugo Monteiro
Isabel Martinez
João Ribeiro
Pedro Rodrigues

**Esta edição contou com a
colaboração de:**

Ana Rocha; Aodh; Carla
Sofia Flores; Joana Dias;
Joana Maltez; Lúcia Sousa;
Luísa Campos; Luísa Reis;
Maria João Pimentel; Nelson
Pereira; Sandra Coutinho;
Sara Pereira; Soraia Ferreira

**Um agradecimento a todos
os que tornaram esta
revista possível:**

Ana Rocha; Ana Pires; Aodh;
Carla Sofia Flores; Isabel
Martinez; Joana Dias; Joana
Maltez; João Ribeiro; Lúcia
Sousa; Luísa Campos; Luísa
Reis; Maria João Pimentel;
Nelson Pereira; Pedro
Rodrigues; Sandra Coutinho;
Sara Oliveira; Sara Pereira;
Slimmy; Soraia Ferreira.

As opiniões, notas e comentários são da exclusiva responsabilidade dos autores ou das entidades que produziram os dados.

Reserva-se o direito de selecção das informações, conteúdo gráfico, ou outros, não tendo esta escolha que ser justificada.

Opiniões, sugestões e propostas para asterisco@mica-me.org



Desde já, olá a todas e a todos que estão a ler! O MICA-me surgiu da vontade de um grupo de pessoas de intervir socialmente, em particular no Porto, promovendo a não discriminação e a mudança de mentalidades nas áreas da orientação sexual e identidade de género. O que nos distingue dos demais é o facto de não usarmos a intervenção política e politizada, mas sim as artes e a cultura no geral.

É nesse âmbito que surge a (*) asterisco. A (*) asterisco propõe-se a ser uma nota de rodapé, um ponto de paragem, uma chamada de atenção, e ao mesmo tempo, a ocupar uma lacuna existente na actualidade. Pretende chegar a todas e a todos, sem excepção. Sejam heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros, pansexuais. Queremos apenas que a (*) asterisco seja mais uma forma de reivindicar o direito à indiferença, pois este é um espaço virtual no qual pretendemos que a utopia da igualdade deixe de ser uma quimera e seja real.

Colocamos em causa as verdades absolutas sobre o que é ser heterossexual e homossexual,

homem e mulher, e usamos a arte, seja da forma mais tradicional ou da forma mais surrealista, como nosso meio de expressão. Em suma, queremos, de certa forma fazer valer um artigo constitucional tantas vezes esquecido pela sociedade actual, que apesar de tudo ainda considera algo que seja fora da normal como estranho e inferior.

A todas e a todos que nos lêem, só me resta lançar o desafio: contactem-nos, opinem, ajudem-nos a melhorar! Podem fazê-lo enviando um email para asterisco@mica-me.org.

Artigo 13.º

Princípio da igualdade

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.

2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.



**06 REVISTA DE
IMPrensa**



08 GALERIA



21 PISA-PAPÉIS



24 SOUNDWAVE



32 35MM



34 TECG33K

SUMÁRIO

REGENERAÇÃO 37

(DES)ORDEM 40

FLEX! 43

OCULTO 44

AVANÇA! 48

**SUI
GENERIS** 50

RODAPÉ 56

TEXTO SARA OLIVEIRA

REVISTA DE IMPRENSA



Doação de sangue por homossexuais masculinos



Foi apresentado pelo Bloco de Esquerda, no passado dia 31 de Março, por considerar inaceitável que existam instituições portuguesas que proibam um homossexual masculino de dar sangue, um projecto de resolução para corrigir esta situação, através da reformulação dos questionários aplicados aos dadores e a "divulgação de um documento normativo da responsabilidade do Ministério da Saúde, que proíba expressamente a discriminação dos e das dadores/as de sangue com base na sua orientação sexual e esclareça que os critérios de suspensão se baseiam na existência de comportamentos de risco.", e não em grupos de risco. Com os votos favoráveis da bancada parlamentar do Bloco de Esquerda e do Partido Socialista, a medida será então analisada e adoptada pelo Ministério da Saúde.

Coming Out



"I am proud to say that I am a fortunate homosexual man. I am very blessed to be who I am." (Tenho orgulho em afirmar que sou um homem homossexual cheio de sorte. Fui abençoado por ser quem sou.) É com esta frase que Ricky Martin assume a sua homossexualidade no seu *website* oficial, numa mensagem bastante emotiva, do dia 29 de Março, na qual Ricky fala da pressão para que escondesse a sua homossexualidade, e como, após a adopção dos seus dois filhos, vê a vida de uma outra forma e percebe como estava errado ao esconder a sua realidade.

Anna Paquin, protagonista da série "Sangue Fresco" ("True Blood" no original) e vencedora de um Óscar pela sua actuação no filme "O Piano", assumiu a sua bissexualidade numa campanha para a fundação "True Colours" de Cindy Lauper, fundação esta que procura proteger os direitos da população LGBT, convidando todas e todos a participar e a apoiar a comunidade LGBT. A campanha actual conta com diversas celebridades que dão o seu apoio à causa LGBT, apelando à mudança. Mais informação pode ser obtida no site oficial em www.wegiveadamn.org.

ILGA Portugal - IRS e procura de assessor técnico



Em 2010, são 108 as instituições autorizadas a receber as doações por consignação de 0,5% dos seus impostos. Esta possibilidade foi introduzida pela Lei de Liberdade Religiosa, no entanto a maior parte das instituições a receber estas doações não tem qualquer ligação à religião, como por exemplo a Liga Portuguesa contra o Cancro ou a Associação Portuguesa dos Doentes de Huntington.

É importante lembrar que fazer este donativo não implica custos para o contribuinte, este deve indicar apenas o Número Individual de Pessoa Colectiva do beneficiário no quadro 9 do anexo H que consta da declaração do modelo 3 do IRS. Para apoiar a ILGA Portugal o deve indicar o seguinte número: 503777331.

De momento, a ILGA Portugal está à procura de um assessor/a técnico/a para apoiar a direcção da Associação no desenvolvimento de vários projectos. Para mais informações, por favor consulte o *website* oficial.



1/125

MARIA JOÃO PIMENTEL















Porque passamos
na rua e o nosso
olhar se direcciona
para quem se afasta
do que as massas
ditam. Porque esta
geração merece ser
lembrada!

Com este projecto
somente quero
apresentar jovens
do “meu” Porto.







TEXTO SARA PEREIRA

O FENÓMENO STIEG LARSSON

Stieg Larsson nasceu em Västerbotten, no norte da Suécia, a 15 de Agosto de 1954, e foi criado pelos avós. De facto, o avô, Severin Boström foi modelo de comportamento para Stieg: era um opositor do regime fascista e levou a que Stieg Larsson fosse activista pela igualdade de direitos e pela democracia, com vista a impedir que a História se voltasse a repetir. Quando Stieg tinha nove anos, perde o avô e muda-se para casa dos pais e do seu irmão mais novo. Aos doze recebe a primeira máquina de escrever e passa grande parte das noites acordado a passar para papel a sua imaginação. Com dezoito anos conhece Eva Gabrielsson, que acaba por se tornar a sua companheira até à sua morte. Nos últimos quinze anos da sua vida, ele e Eva viveram sob constantes ameaças de grupos violentos de direita, levando o casal a tomar medidas de precaução. Nunca eram vistos juntos fora de casa, tinham espelhos pelos corredores e mantinham as persianas fechadas, apenas para citar alguns exemplos. Stieg chegou inclusive a escrever um livro sobre como deveriam os jornalistas reagir a ameaças do género ("Överleva Deadline", 2000). Criou deste modo um contraste entre o seu trabalho enquanto jornalista na revista Expo, fundada por ele, e a sua escrita enquanto novelista, e via a ficção como método de relaxamento, pois as suas personagens nunca se rebelariam contra ele.

Stieg Larsson veio a morrer dia 9 de Novembro de 2004, vítima de ataque cardíaco, e apenas dois anos depois era já o segundo autor mais vendido no mundo.

Quando o romance policial se encontra com o jornalismo de investigação, ainda que num caso inteiramente ficcional, o resultado pode ser uma fórmula de sucesso. Stieg Larsson demonstra isso na sua trilogia "Millenium", em que os dois primeiros livros foram já adaptados ao cinema. Juntando o facto de o autor sueco não ter sequer assistido ao êxito da sua obra, uma vez que morreu pouco tempo depois de entregar os futuros livros aos editores, tudo aponta para que se esteja defronte de um dos maiores *best-sellers* da década passada. Uma intriga forte, ambiente descritivo e personagens realísticas são os pilares de "Os Homens Que Odeiam as Mulheres", "A Rapariga que Sonhava Com uma Lata de Gasolina e um Fósforo" e "A Rainha no Palácio das Correntes de Ar".

A acção inicia-se com um processo contra o jornalista Mikael Blomkvist, co-fundador da revista Millenium, uma publicação de referência que se dedica quase exclusivamente a desmascarar casos de corrupção e escândalos nas altas finanças. Mikael é declarado culpado pela difamação a uma das maiores personalidades suecas e recebe a proposta de Henrik Vanger para escrever a história da família como pretexto para investigar o desaparecimento da sobrinha. Para levar a sua tarefa avante, contará com a ajuda de Lisbeth Salander, uma hacker brilhante e irreverente, fã de piercings e tatuagens. Com um enredo intrincado e com reviravoltas, é difícil adivinhar onde cada passo de Blomkvist o irá levar, fazendo desta trilogia um daqueles casos em que é impossível pousar os livros antes de os acabar.



NARCISO

NARCISO

O mundo éramos nós os dois, eu e o espelho, eu e eu. Não precisávamos de mais nada para além de nós. Poderia haver algo mais perfeito do que isto? Apenas tínhamos certezas, segurança, felicidade, amor. Ninguém no mundo conseguiria algo melhor. O que há de mais adequado a mim do que eu próprio?

Quando entrei no quarto, somente o espelho me olhara. Era maior do que eu, rectangular, imaculado, decorado por uma moldura dourada fortemente trabalhada na qual se distinguíam diversas figuras humanas abraçando um par idêntico. Estava pendurado numa parede branca – a mesma que revestia todo o pequeno quarto – disposto de forma a que quem entrasse neste local escondido fosse directamente confrontado com a sua imagem.

Estes pensamentos, formulo-os em espiral. Mal me consigo concentrar em algo para além de mim, de nós. O tempo parece-me extenso, esticado, como se a minha respiração fosse a Divina pulsação, como se eu fosse o centro de tudo. Sei que estou hipnotizado. Sei que não quero saber.

Desejo-me!

Dou um tímido passo em direcção a mim mesmo. Vejo-me com mais nitidez, tendo a possibilidade de me deleitar com a minha própria imagem, com o meu cabelo curto brilhando à sobrenatural luz de nenhures, a minha face aparentemente mais simétrica do que dela me recordo, com a pele mais lisa, mais limpa, a barba perfeitamente regular, os olhos grandes e chamativos, o meu corpo definindo a roupa sob a qual se esconde. Mas esconder para quê?

À medida que dou passos crescentemente mais firmes e confiantes, a necessidade de me livrar do abraço frio e sintético da minha roupa torna-se mais sufocante. A cada passo, os meus gestos tornam-se mais frenéticos, mais desesperados, como se um calor impossível, capaz de fazer arder cada centímetro de tecido que me cobre se não as retirar rapidamente, viesse de dentro de mim mesmo. Respiro aceleradamente enquanto rebento com dois botões das calças, com o meu tronco nu já perfeitamente visível, desequilibrando-me na pressa cega de tirar os boxers.

Paro.

Os meus olhos percorrem cada linha do meu corpo, demorando-se naquelas que melhor conheço. Ilusoriamente, a minha imagem ao espelho dá uma volta sobre si mesma, e eu fico desejoso de agarrar aquela ilusão, de beijar o meu próprio traseiro.

Quase tropeço, levado pelas minhas mãos àquela maravilhosa superfície fria e polida. Agarro-me à sua moldura, tocando-o com o máximo do meu corpo possível. Fecho os olhos, imaginando que estou a tocar em mim mesmo. A erecção, inevitável, chega por fim. De uma forma que me teria chocado no meu estado normal. Cresce-me água na boca. Mordo o meu lábio inferior.

A Divina pulsação acelera.

Não chega. Preciso de mais. Preciso de sentir mais. Os meus olhos abrem-se. Afasto do espelho a parte superior do meu tronco, e olho para a minha própria imagem. Sou lindo. Que-

ro-me. Preciso de mim, preciso de foder com aquele espelho. Fecho os olhos novamente. Estremecendo de deliciosa antecipação e beijo o espelho.

É como se uma língua – quente, familiar – abrisse caminho pelos meus lábios. Recebo-a sem qualquer pudor, lambendo-a de volta, sugando-a, procurando os lábios por trás dela. As minhas mãos agarram um corpo, e sinto-me a ser puxado de encontro a uma réplica de mim mesmo. Não preciso de abrir os olhos para sentir que é real, preciso apenas de me controlar para que tudo não seja demasiado rápido. Não podia chegar ao fim depressa demais.

Beijo-lhe o pescoço, e uma voracidade tenaciosa apodera-se de mim. Mordo aquele local com um desespero sexual, indiferente às marcas que poderia causar. Pior: queria marcar-me. Queria que o mundo soubesse que eu sou meu.

Ele puxa-me a cabeça para trás pelo pouco cabelo que possuo, arrancando-me um gemido. A sua boca, os seus dentes, brincam pela base do meu pescoço, antes de chegar ao peito, enquanto as suas mãos – de dedos esticados – me descem pela base das costas. Entro em delírio e sinto-o igual. Quero-me tanto. Torço-lhe os mamilos, porque estou demasiado alto para o masturbar. Subitamente, ele vira-me, e eu fico de costas para o espelho. O seu calor aproxima-se de mim. Estremeço com o toque do seu pénis contra o meu traseiro, imediatamente puxando o seu corpo até o seu tronco - o meu tronco - me aquecer as costas por completo.

Um gemido escapa-se-me pelos meus lábios.

Ele beija-me o pescoço. As suas mãos descem suavemente pelas minhas pernas, provocando-me com promessas de masturbação. O meu pescoço cai para trás; entrego-me.

O mundo roda. O batimento Divino prolonga-se até ao infinito. A ilusão encerra-se.

Sou violentamente projectado para a frente, qual passageiro sem cinto no lugar do morto. O meu corpo atravessa o pára-brisas e mergulha directamente num lago gelado. Não há dor. Apenas frio, um frio insuportável. Sou brindado com uma consciência súbita de que não compreendo o que se está a passar. Os meus olhos abrem-se, nervosos, sondando a escuridão que me rodeia. Sinto-me verdadeiramente assustado.

E então ouço uma voz atrás de mim.

“Obrigado.”

Viro-me bruscamente, sendo confrontado com uma janela luminosa do tamanho do espelho. Através dela, vejo um rapaz – alguém diferente de mim – vestindo as minhas roupas. Tento gritar, bato com a mão na superfície rígida com toda a minha força. Em simultâneo, o rapaz acaba de se vestir, indiferente aos meus gritos. As roupas ficam-lhe grandes.

Por fim, ele vira-se para mim, e o brilho sobre-humano nos seus olhos assusta-me. Ele sorri.

“Obrigado”, repete.

E, com um último aceno, vai-se embora.



TEXTO JOANA MALTEZ

DEAD MAN'S BONES

***“Welcome to a place where nightmares
Are the best part of my day”
in Dead Hearts***

Nunca um álbum sobre a morte nos fez sentir tão vivos. É a promessa que vos deixo em relação a “Dead Man’s Bones”. Ao ouvirmos “Dead Man’s Bones” conseguimos imaginar um coro de crianças a rodear um encontro dos The Arcade Fire com o Tim Burton, encontro esse que ocorreria numa floresta negra, como a música parece sugerir como o único local possível.

Este é um álbum conceptual sobre a morte, os lobisomens, os cemitérios e todo o imaginário de terror e do macabro. E, contudo, é música que faz vibrar a alma, que nos faz percorrer todo o espectro das emoções e nos faz querer gritar com o coro infantil *“my body’s a zombie for you!”* para logo a seguir nos envolver num embalo etéreo de onde não queremos acordar em *“Dead Hearts.”*

O álbum foi elaborado para ser a banda sonora de uma peça de teatro, de um musical, inspirado em filmes como *“The Rocky Horror Picture Show”*. Contudo, essa ideia foi abandonada pelo par de músicos que, no entanto, não se desfez das músicas entretanto criadas. Os criadores deste projecto são o actor Ryan Gosling e Zack Shields que cruzaram caminhos em 2005. Gosling namorava com a também actriz Rachel McAdams e Shields namorava com a irmã de Rachel, Kayleen. Os músicos partilham uma obsessão com fantasmas, zombies e monstros e este foi o ponto de partida da sua amizade e também o início da delineação de projectos relacionados com o sobrenatural.

Inspirados por projectos musicais escolares como o *Langley Schools Music*

Project ou o *Nancy Dupree’s Ghetto Reality*, os dois decidiram desde o início incluir crianças nas suas músicas. Shields defende que “eles abraçavam tudo o que lhes dávamos e dedicavam-se como ninguém”. Esta entrega genuína e despreziosa do coro de Silverlake Conservatory of Music – de onde são provenientes as vozes infantis que se escutam – dá provas do seu talento em cada segundo do álbum. Shields afirma também que nenhuma das crianças se incomodava ou se mostrava perturbada quanto a todas estas canções sobre a morte, que nunca foi sequer um assunto colocado em causa.

Uma característica da banda é que fazem questão de estabelecerem regras claras para a sua criação musical, devido à vontade dos artistas para que soasse o mais cru e real possível, mostrando mesmo as limitações técnicas de Ryan e Zach. As regras eram a não inclusão de guitarras eléctricas e de *click tracks*, não gravarem mais do que três *takes* e tocarem eles mesmo todos os instrumentos (juntamente com o produtor Tim Anderson). Gosling tocou violoncelo e piano pela primeira vez enquanto Shields tomou conta da bateria. A estética *lo-fi* presente no disco é ideal para a voz de Gosling, voz essa que alguns dizem lembrar Roy Orbison, enquanto para outros é indiscutivelmente Bryan Ferry. Comparações à parte, Ryan Gosling tem uma voz sem pretensões, directa e profunda, que serve de contra-ponto à voz de Shields, típica no género *indie*.

Sem dúvida, um dos melhores álbuns de 2009 e uma das apostas musicais mais originais da década.

Ignorar as suas músicas é deixar passar ao lado uma viagem deliciosamente negra, onde a Morte a Vida se cruzam e os fragmentos da sua dança intemporal ficam registados ao longo das doze faixas musicais.



TEXTO SARA PEREIRA

MIND AT LARGE

O sétimo álbum dos Blasted Mechanism leva-nos a viajar para além dos quatro cantos da Terra

Não é exagero nenhum dizer que “Mind at Large” foi o álbum mais aguardado dos portugueses Blasted Mechanism. Senão, vejamos: é o primeiro da banda com o novo vocalista, Guitshu, depois da saída do carismático Karkov, e vem no seguimento do excelente álbum duplo “Sound in Light/Light in Sound”. Mas, focando-nos na mudança de vocalista, confesso que em muitas das audições me esquecia desse pormenor, tal a espectacularidade deste “Mind at Large”. Depois de sucessos passados, os Blasted Mechanism voltam a apostar na fórmula de integrar convidados muito diferentes entre si. Após Maria João ou Dealema em “Avatara” e Kumpania Algazarra ou António Chainho em “Sound in Light”, optaram pelo brasileiro Marcelo D2 e pelo colectivo “mariachi Los

Reyes”, bem como *samples* de citações do controverso filósofo Agostinho da Silva, também fonte de inspiração. No tema “Door of Happiness” a banda inspirou-se também no imaginário de Aldous Huxley e assume-se mais uma vez como um cruzamento multi-cultural, mesclando instrumentos tão diferentes como a guitarra portuguesa, o berimbau ou a cítara, sem falar nos originais *Kalachakra* e *Bambuleco*, criados por Valdjiu.

O álbum foi apresentado num evento que levou bastantes seguidores à Lagoa das Sete Cidades, num concerto único onde os fãs tiveram oportunidade de interagir com a banda. Mais tarde, voltou a ser apresentado no Coliseu dos Recreios, com a particularidade que cada bilhete oferecia a possi-

bilidade de ter o nome ligado a uma árvore a ser plantada numa ilha do Tejo, perto de Vila Franca de Xira. Ouvindo de uma forma mais intensiva cada uma das músicas, é mais que possível traçar uma linha condutora entre os temas. O apelo à auto-descoberta, à busca interior por “aquela” energia, a ligação às raízes terrenas, a temática ambientalista e *new wave* procurando uma solução para o estado actual do planeta Terra, são os motores de todo este “Mind at Large”, que em pouco mais de uma hora nos leva a viajar pelos cinco continentes, ou mais longe ainda.

A ter em atenção as músicas “Panacea” e “Vôo de Ícaro”, dois dos mais fortes temas do sétimo álbum da banda.

TEXTO ANA ROCHA

SLIMMY

LOVERBOY AD ETERNUM

Após o sucesso de *Beatsound Loverboy*, o músico português Paulo Fernandes - Slimmy - prepara o lançamento do seu novo álbum. Numa entrevista exclusiva à (*) asterisco, o artista revela um pouco de si, falando da música não só como trabalho, mas também como estilo de vida.

Quase três anos após o primeiro trabalho, Slimmy encontra-se agora a limar as últimas arestas do novo disco a sair já no próximo mês. Para os mais atentos e interessados, nos passados dias 26 e 27 de Março, foi já possível saber um pouco sobre a matéria nova, nos concertos de apresentação. A (*) asterisco procurou o músico e se não estiveste lá fica atento à entrevista que se segue. Música, vida e novo álbum, eis os temas que podes ler aqui.

Ana Rocha: Há muita gente que não sabe exactamente quem ou o que é Slimmy! Slimmy: um músico ou uma banda?

Slimmy: Acho que como começou sendo um projecto só meu desde sempre, inclusive quando eu ainda tocava literalmente sozinho em palco, se tornou um projecto a solo, embora isso não reflecta a relação de grande cumplicidade, amizade e união que envolve os membros da banda que me acompanha.

A R: Tens um grupo de fãs muito fiel. Faria, para ti, o mesmo sentido compor música sem que esta, posteriormente, pudesse ser passada para outras pessoas?

S: Não. Gosto muito do reconhecimento e do lado sociável de ser músico. Jamais faria coisas estranhas só para

meu próprio proveito. Não consigo pensar, quando estou a escrever, exactamente se vai agradar a x ou a y, mas tenho a certeza de que as palavras e os sons vão ser adoptados por cada um na sua vida. É essa a magia da música.

A R: Nas tuas músicas abordas assuntos com os quais facilmente nos identificamos. Parece haver sempre uma mensagem. Não que tenhas uma pretensão didáctica, mas o que gostavas que as pessoas pudessem aprender com as tuas canções?

“Não escrevo para ensinar ninguém, apenas para fazer as pessoas sentirem algo que as leve um pouco fora do mundo normal.”

S: Não escrevo para ensinar ninguém, apenas para fazer as pessoas sentirem algo que as leve um pouco fora do mundo normal. É mais sobre sensações e emoções e não lições, embora haja mensagens que gosto de mandar subliminarmente para juntar pessoas ao meu exército de pensamento livre, desprovido de ideias preconcebidas. Basicamente, divertir-nos mais e preocuparmo-nos menos.

A R: És acompanhado por excelentes músicos que todos os dias cooperam

contigo neste projecto, mas a música parte sempre de ti. Fala-nos, por favor, um pouco sobre essa atmosfera do Paulo com a groove box e com a guitarra!

S: É quando entro no mundo mágico de Slimmy. Não te sei explicar muito bem. Pareço um miúdo com o brinquedo preferido e depois sinto-me o dono do mundo por fazer as melodias que quero, as canções que me batem na altura. É algo que espero nunca deixar de fazer, porque é aí que reside um pouco a minha essência mais genuína e aquilo que faz de Slimmy algo único.

A R: Actualmente somos bombardeados com música por todo o lado. Todos os dias vemos gente surgir do anonimato. O que achas que te distingue dos demais artistas neste panorama?

S: Não sei se haverá algo que nos distinga propriamente, porque nem eu sei o que sou bem (sorrisos). Acho que escrevo canções para divertir as pessoas e para ter o estilo de vida que mais me agrada. Não encaro a música como uma corrida em que alguém tenha que ficar em primeiro. Acho que há lugar para todos que fazem as coisas com paixão e honestidade para com o público.







“Não encaro a música como uma corrida (...) Acho que há lugar para todos que fazem as coisas com paixão e honestidade para com o público.”



A R: Como vives a tua vida com a música?

S: Diária, intensa, e sempre a ganhar pontos na minha vida pessoal. A música é um modo de vida e vários estados de espírito constantes que para alguém como eu, que leva tão a sério isto, não dá tréguas nem descanso, mas é o melhor do mundo.

A R: Começaste há 10 anos este projecto. Olhando para trás o que sentes que mudou em ti? É difícil maneres-te igual a ti mesmo no meio do mediatismo?

S: Acho que até me tornei melhor ser humano, para ser sincero. Acho que tinha aquela inquietação e vontade louca de chegar lá e tornava-me alguém mais instável. Depois de conseguir chegar a este ponto, tornei-me mais sereno. O mediatismo é só uma forma de reconhecerem que fizeste bem o teu trabalho. Só tens que ser grato pelo que tens.

A R: Como te sentes quando és abordado na rua?

S: De forma geral, lido muito bem mesmo. Aqui entra aquele princípio literalmente do fazer aos outros aquilo que gostava que me fizessem a mim. Tento ser o mais terra-a-terra possível. As pessoas não têm que levar com um dia mau meu. O Slimmy tem que estar sempre bem.

A R: Essa é a parte boa! Mas há sempre um outro lado! Como reages às críticas negativas, quer em relação à tua música, quer em relação à tua imagem?

S: Felizmente, vivemos numa sociedade livre em que é ótimo as pessoas pensarem cada uma por si. Se todos pensassem o mesmo ou se toda a gente gostasse de mim, isto tornava-se chato (sorrisos).

A R: Vivendo envolvido neste cenário Slimmy, de que forma



isso afecta o teu quotidiano e as pessoas próximas a ti?

S: Acaba por influenciar directamente, como é óbvio, mas é na família e nos melhores amigos, não relacionados com a banda, que tento esquecer por momentos este monstro dentro de mim (sorrisos). Como já referi, a música ganha um pouco à vida pessoal, mas não é nada para o qual não me tenha preparado e, como tal, vivo bem com isso.

A R: Durante o compasso de tempo entre o "Beatsound Loverboy" e este novo trabalho o que mudou em Slimmy? O que cresceu em Paulo?

S: Por várias razões, há uma maior responsabilidade, aliada ao facto de me ter tornado profissional na indústria musical, e ter uma equipa de pessoas a trabalhar comigo, que merecem todo o meu empenho e seriedade. Em relação a parte musical, houve um amadurecimento, pois estamos constantemente a aprender com pessoas e situações diferentes. Eu não diria mudanças, mas sim alguns upgrades que

foram feitos no sentido de tornar também o projecto mais fiável e eliminarmos a ideia que só tivemos sorte com o primeiro disco (sorrisos).

A R: Tens uma forma intensa e emocional de viver! O que ainda te falta fazer? Pelo que ainda procuras apaixonar-te?

S: Falta-me fazer tudo, porque nunca estou satisfeito e acredito cegamente que me apaixono todos os dias pelo que faço, por aquilo que conheço e pelo que me ainda falta conhecer.

A R: Quase três anos após o "Beatsound Loverboy", como te sentes em relação ao lançamento do novo álbum? Expectativas.

S: Só espero fazer as pessoas dançarem muito, cantarem as minhas músicas e fazer uma festa sempre que me for permitido.

A R: Ainda vamos encontrar o loverboy neste disco?

S: Acho que vais ter o *loverboy* até ao fim dos meus dias. Não vejo outra forma de fazer as coisas, a não ser com uma

paixão imensa e um amor brutal.

A R: Sucintamente, diz-me 3 pontos que aproximem e afastem este trabalho do anterior.

S: Estranhamente tem: 1. mais guitarra acústica, 2. mais electrónica. 3. não terá títulos tão sugestivos e fáceis de memorizar como o primeiro, mas as canções são seguramente melhores ou tão boas.

A R: Haverá lugar para alguma surpresa especial que tenhas preparado?

S: Há alguns pormenores melhorados, mas mais na componente ao vivo.

A R: Na componente ao vivo?

S: Sim, por ajustar e decidir ainda. Work in progress (sorrisos).

A R: O visual vai manter-se ou vais surgir ainda mais irreverente?

S: Acho que estou na profissão certa para ser cada vez mais irreverente, por isso, sem dúvida que isso vai continuar a ser uma imagem de marca de Slimmy.

TEXTO NÉLSON PEREIRA

LE TEMPS QUI RESTE

“Toute humanité veut vivre, mais elle ne veut pas payer le prix et ce prix est le prix de la mort.” Antonin Artaud



Em 2006 estreava muito discretamente nos cinemas portugueses o segundo filme de uma trilogia que começou com “Sous le Sable” e que foi descrita pelo realizador francês François Ozon como a sua “trilogia da morte”. Ele, Ozon, já anteriormente nos tinha dado obras como “8 Femmes”, “Swimming Pool” ou “5X2”, sendo visto por muitos como um dos grandes representantes do cinema contemporâneo francês. Quer contextualizar este “Le Temps Qui Reste” na filmografia de Ozon parece-me um pouco redundante, não estivéssemos nós perante um experimentador nato que vai saltando de género em género e de estilo em estilo, com uma frequência assinalável.

Aqui se relata a história de Romain, um fotógrafo que, após lhe ser diagnosticado um cancro em fase avançada e de recusar imediatamente qualquer tipo de tratamento, opta por se despedir das pes-

soas que lhe são mais próximas. No entanto, a forma que encontra para o fazer tem consequências negativas no relacionamento com os pais, irmã e namorado, aos quais decide não revelar a doença, preferindo afastar-se deles, tentando para isso cortar os laços afectivos que os unem.

François Ozon opta por fazer de “Le Temps Qui Reste” um relato objectivo, à primeira vista até um pouco cru e emocionalmente distante. Um relato que tem como único objectivo seguir os últimos dias de vida de um fotógrafo de moda. E fá-lo livrando-se do acessório, centrando-se apenas no essencial e recusando qualquer tipo de subterfúgio na representação das emoções. É de louvar, aliás, que a personalidade pouco simpática e ar rogante do protagonista não sofra uma alteração radical aquando da descoberta da doença que o irá matar. E é talvez esta opção um dos fac-

tores mais importantes para a definição dessa personagem, dotando-a por conseguinte de uma existência própria e singular que não obedece à vontade do público nem tão pouco o pretende agradar.

É surpreendente a subtilidade com que Ozon trabalha as cenas e o seu encadeamento. O cuidado minucioso com o que é dito e não dito, e sobretudo a certeza de que o mais pequeno deslize pode desmoronar toda a construção, tal a fragilidade dos momentos encenados. Note-se como exemplo a cena entre Romain e a avó, detentora de uma intensidade dramática tão delicada quanto absorvente.

É também aqui que vemos pela primeira vez a intimidade de Romain, essa tão camuflada anteriormente, que agora se expõe à medida que se reencontra com a sua infância, confessando à avó aquilo que não dissera a ninguém. Porque o faz? Basicamente, por-

que tal como ele, também ela irá morrer brevemente.

Claro está que falar de Romain é também falar do trabalho impecável de Melvin Poupaud, que não só carrega todo um filme às costas como se entrega literalmente de corpo e alma à personagem.

No entanto é impossível ficar indiferente à presença de Jeanne Moreau no papel de Laura, avó de Romain. Ver Moreau a representar é não só hipnotizante como também um reafirmar da ideia que será, em última instância, para ver os actores representarem que vamos ao cinema.

Para o fim, Ozon guarda um dos momentos mais belos de todo o filme. Ao filmar um dos seus cenários de eleição, encontra o quadro perfeito, aquele no qual o horizonte se apaga e nos despedimos de Romain.

ETERNAL SUNSHINE OF THE SPOTLESS MIND

"Blessed are the forgetful: for they get the better even of their blunders." Friedrich Nietzsche

E se fosse possível esquecer!? Apagar aquele pedaço de memória que não queremos guardar, que queremos simplesmente riscar. Joel (Jim Carrey) descobre que a sua namorada, Clementine (Kate Winslet) apagou da sua memória todas as lembranças que guardara da relação que tiveram e dele próprio. Atormentado com a notícia e sem saber o que fazer, Joel dirige-se à empresa Lacuna, Inc. onde conhece o inventor, Dr. Mierzwiak (Tom Wilkinson), e submete-se ao mesmo processo, para apagar Clementine da sua memória. Porém, enquanto Clementine vai sendo apagada, Joel volta a descobrir um amor que não pode ser olvidado.

O "Despertar da Mente" é um filme sobre dor e recordações, mas acima de tudo é uma história de amor. Durante o filme acompanhamos todos os episódios de Joel e Clementine e consequentemente o gradual desaparecimento da sua namorada. No decorrer das lembranças, Joel vai percebendo porque se apaixonou e tenta guardar Clementine dentro da sua memória.

Arquitectado de uma forma fraccionada, "O Despertar da Mente" é construído por uma espécie de peças soltas, formando no final um perfeito *puzzle* da sétima arte.

Com um argumento invejável, o realizador, Michael Gondry



conseguiu ser absolutamente criativo e soube aproveitar a força da história sem o exagerado recurso a efeitos especiais, apesar da viagem irreal que é feita pelas memórias de Joel.

Composto por um elenco soberbo, destaca-se sem dúvida Jim Carrey, conhecido sobretudo na área da comédia, neste filme mostra-nos o seu talento na área do drama que juntamente com a versatilidade de Kate Winslet, formam um par absolutamente verosímil, como um qualquer que possamos encontrar ao virar a rua.

"O Despertar da Mente" é um dos filmes ao qual é impossível ficar indiferente onde inevitavelmente somos quase que compelidos a pensar do que somos feitos: de memória e de todas as nossas lembranças.

ELECTROSHOCK (A LOVE TO KEEP)

"Me gustas cuando callas porque estás como ausente. Distante y dolorosa como si hubieras muerto. Una palabra entonces, una sonrisa bastan. Y estoy alegre, alegre de que no sea cierto."

Pablo Neruda



Baseado em factos verídicos, o filme conta a história de duas mulheres, Elvira (Susi Sánchez) e Pilar (Carmen Elias), duas professoras que se apaixonam no local e no tempo errado, em Espanha aquando a ditadura de Franco. Para além das inúmeras repressões, a homossexualidade também era expressamente proibida em Espanha.

Pilar é então internada pela mãe num manicómio quando esta descobre que a filha é lésbica e vive com outra mulher, sendo submetida a uma terapia de choques eléctricos. Trava-se então uma luta, tanto por parte de Pilar que está enclausurada, como Elvira que procura desesperadamente por Pilar.

Electroshock não é nenhuma grande produção ao estilo hollywoodesco, até porque a cenografia deixa a desejar. No entanto,

e apesar de todas as imperfeições, mais de estética que de conteúdo, é impossível ficar indiferente e não ser cativado.

A priori pode parecer apenas mais uma história de amor entre duas mulheres como tantas outras, todavia o filme retrata uma das maiores atrocidades da humanidade, que é considerar uma pessoa mentalmente enferma só porque ama alguém do mesmo sexo.

Será inevitável afirmar que este seria um dos filmes ideais para todos os pais, uma vez que o filme aborda a aceitação dos mesmos relativamente à orientação sexual da sua filha. Não obstante, é importante ao assistir, recordar que o que é retratado no filme não é pura ficção, durante a ditadura espanhola matavam-se e destruíam-se vidas só pelo simples facto de ter uma orientação sexual que não a padrão.

Realizado por Juan Carlos Claver, Electroshock mostra uma verdadeira, genuína e quase impossível história de amor em tempos difíceis... mas superáveis.

TEXTO JOÃO RIBEIRO

GÉNERO E JOGO

Os papéis de género são construções teóricas que se referem a normas sociais e comportamentos amplamente atribuídos a indivíduos de um determinado género, dentro de uma cultura específica. No advento dos videojogos houve vários factores que perpetuaram o estereótipo de que esta atividade é um interesse unicamente masculino, e que determinaram os papéis de género que gerações de personagens vídeo jogáveis iriam interpretar.

Consideremos o cenário frequente do herói que vê a sua princesa raptada por um antagonista gerando o ímpeto para o início da aventura, mesmo que no decorrer da mesma o motivo para esse evento nunca seja explicado. O dito herói vai ser posto à prova numa série de testes de bravura, perícia e atletismo enfrentando as adversidades e, por fim, reconquistando a donzela. A donzela, incapaz perante o inimigo, limita-se a chamar pelo seu herói, sempre vestida de modo a incitá-lo à acção.

O que aqui testemunhávamos era uma representação redutora dos comportamentos de género em que a motivação masculina é unicamente o objecto do seu desejo sexual: a mulher. A própria identidade dos géneros era exagerada e estilizada, o homem capaz de feitos impossíveis e a forma feminina distorcida. Mais do que fantasia, os videojogos ofereciam uma disparidade gritante entre o real e o fictício e eram claramente mais apelativos para a demografia do jovem masculino. Com o surgimento de personagens como Lara Croft, e outras que se seguiram, abriram-se as portas para o alargamento dos papéis, mas ainda não era uma situação ideal. Estas personagens femininas, apesar de mostrarem que é possível criar interesse por mulheres fortes, acabavam por ser



meras substitutas do tradicional papel masculino, retendo os atributos físicos estilizados da mulher. Um dos formatos que mais sucesso teve em alavancar o aparecimento de personagens masculinas e femininas que fogem aos estereótipos foi o *Role Playing Game*, já que sucessivamente apresenta personagens pluridimensionais com foco nos seus diferentes atributos e motivações. Jogos como o "The Sims" que oferecem um ambiente e objetivos menos hostilizados pelas caracterizações de género

também deram um importante contributo para a desmistificação dos videojogos como clube exclusivo dos homens.

O mundo dos videojogos está longe da neutralidade de género, mas é cada vez mais frequente testemunharmos o retrato de homens e mulheres como pares e equivalentes. Com isto ganham todos os *gamers*, porque os jogos tornam-se mais diversos, as personagens e histórias mais complexas e a experiência mais satisfatória.

QUICK REVIEWS

TEXTO SARA OLIVEIRA

DRAGON AGE: ORIGINS



Avaliação: * * * * *

O Dragon Age: Origins, lançado em Novembro de 2009, é um dos melhores RPGs de sempre, estando ao nível de jogos de renome como Diablo ou Neverwinter Nights. Ao contrário da maioria dos jogos do género, em que o jogador fica limitado a uma história única, podendo apenas escolher como evoluir a sua personagem, Dragon Age: Origins permite escolher um de seis inícios diferentes, variando a evolução da história conforme as escolhas que são feitas, sendo a linha entre o Bem e o Mal muito mais difusa.

Em termos de jogabilidade, é bastante intuitivo e simples, em qualquer classe que se escolha, não retirando por isso o desafio inerente a um jogo desta categoria.

Outra novidade do jogo é a possibilidade da evolução da relação entre as personagens, podendo mesmo possibilitar um envolvimento romântico – não excluindo as relações entre personagens do mesmo sexo.

TEXTO JOÃO RIBEIRO

UNCHARTED 2: AMONG THIEVES



Avaliação: * * * * *

A esmagadora quantidade de galardões que Uncharted 2 já acumulou desde o seu lançamento é a prova de que estamos perante um jogo fantástico. Se quisermos ser redutores podemos descrevê-lo como sendo fiel à ideia daquilo que é um vídeo-jogo: puro divertimento, mas Uncharted 2 é muito mais que isso. É uma experiência em que o fluir da história está perfeitamente sincronizado com a acção do jogo, tudo isto em alguns dos visuais mais polidos desta geração de consolas. Juntem-lhe o desempenho de um conjunto de personagens extremamente bem conseguidas, o modelo poliglótico de Nathan Drake, um multiplayer e têm uma obra imperdível.

A título do artigo TecG33k deste mês, importa referir que Nathan se faz acompanhar de Chloe e Helena duas senhoras que o acompanham perfeitamente nas suas peripécias. E claro, Nathan não resiste em fazer um par de observações acerca das curvas das suas companheiras, mas em sua defesa também dizemos que tais observações são feitas a Sully, um homem de meia-idade que é o seu melhor amigo.

TEXTO PEDRO RODRIGUES

FINAL FANTASY XIII



Avaliação: * * * * *

O diversificado elenco de personagens que compõe Final Fantasy XIII é, na sua grande maioria, cativante, envolvente, sendo facilmente comparável a um grupo de velhos amigos. A sua história – desde Lightning, a protagonista de poucas palavras, a Snow, o jovem optimista que se vê como um herói – atrai-nos, interessa-nos, juntamente com as suas motivações e fé nos seus valores.

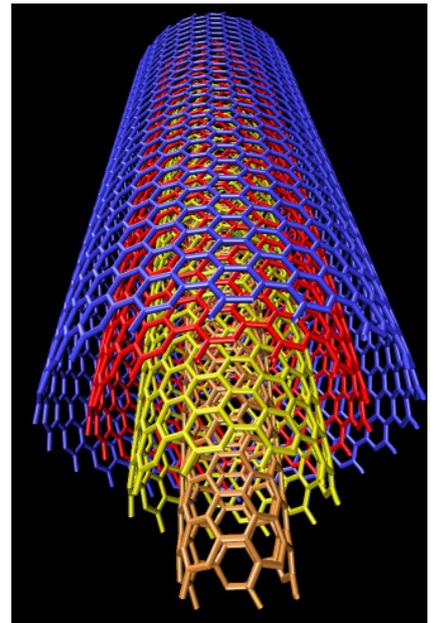
Ao nível do desenvolvimento do jogo, a sensação de linearidade é palpável praticamente desde o início até à sua entenedora conclusão. Em diversas alturas, o ritmo é constante; apenas a história e um renovado, e fluído, sistema de batalha aliciam o jogador a prosseguir. O desenvolvimento das personagens, semelhante à “Sphere Grid” de Final Fantasy X, providencia uma falsa ilusão de liberdade, tornando-se personalizável apenas perto da conclusão do jogo.

Ainda que imperfeito, Final Fantasy XIII consegue surpreender e manter o jogador hipnotizado pela sua beleza, encantando com uma banda sonora poderosa e um conjunto de personagens extremamente humanos e sinceros.

TEXTO CARLA SOFIA FLORES

A NANOTECNOLOGIA ANDA AÍ...

Actualmente a nanotecnologia está presente em várias áreas científicas e tecnológicas em diversos países, e Portugal não é excepção



Nanotubos, nanopartículas, nanociências, nanoelectrónica, “nano-isto”, “nano-aquilo”! A nanotecnologia está “na moda”: os progressos são muitos e as aplicações tendem a ser cada vez mais. Há mesmo cientistas que consideram que tal como a televisão, o avião e a internet revolucionaram o mundo no século passado, a nanotecnologia terá um efeito ainda maior durante os próximos tempos.

Mas afinal o que é a nanotecnologia?

A resposta poderá ser diferente, consoante a área de trabalho a que esta se aplica. A nanotecnologia tem imensas aplicações, desde a medicina à astronomia, passando pela química e outras ciências, o que de imediato transmite o carácter interdisciplinar desta área científica que lida com processos e materiais em dimensões nanométricas, sendo que um nanómetro equivale a um milionésimo de milímetro. Nesta escala, alguns elementos químicos mudam de estado, tornando-se mesmo explosivos.

A nanotecnologia permite criar coisas a partir do elemento mais pequeno, através do recurso a técnicas e ferramentas desenvolvidas para o efeito, que permitem colocar cada átomo ou cada molécula num lugar desejado.

Há inúmeros casos de sucesso da aplicação da nanotecnologia que nos acompanham no dia-a-dia, tal como as unidades magnéticas de armazenamento de informação que viabilizam

as tecnologias de última geração de telemóveis 3G e de música MP3, a última geração de processadores Intel ou IBM, fármacos ou cosméticos que recorrem a esta tecnologia, entre muitos e muitos outros.

De 1959 até aos dias de hoje

Embora em 1959 não se falasse neste tipo de tecnologia, o físico Richard P. Feynman é considerado o seu precursor, visto que nessa altura apresentou pela primeira vez ideias que iam ao encontro do termo “nanotecnologia”, utilizado pela primeira vez por Norio Taniguchi em 1974.

Já na década de 80, este conceito foi popularizado por Eric Drexler, o primeiro cientista a doutorar-se em nanotecnologia pelo respeitado Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Originou-se assim a nanotecnologia drexleriana, agora apelidada de nanotecnologia molecular, que consiste na construção átomo a átomo de dispositivos profícuos para o ser humano.

Com o passar dos tempos, a nanotecnologia desenvolveu-se com o contributo de outras áreas de investigação que deram azo à sua interdisciplinaridade e aplicabilidade, cada vez maior e mais eficiente.

Portugal na vanguarda

O ano passado foi um ano de ouro para a nanotecnologia em Portugal, nomeadamente devido à inauguração em Braga do Instituto Ibérico de Nanotecnologia (INL), ao abrigo de uma parceria

ibérica pioneira.

Trata-se de 14 mil metros de área laboratorial, num edifício de 20 mil metros quadrados, estando prevista a contratação de 200 investigadores de Portugal e Espanha e a criação de parcerias com universidades portuguesas e espanholas.

O INL poderá também ter um grande impacto económico para o nosso país na medida que, devido à sua grande capacidade de engenharia e tecnologias, impulsionará a fixação e a expansão de muitas empresas em Portugal.

Há já muitas firmas em Portugal, como ocorre em todo o mundo, que não podem prescindir das técnicas nanométricas para a fabricação. Tal como Mariano Gago, ministro português da Ciência e Tecnologia, referiu há tempos, “o futuro passa pelas nanociências em áreas como a dos medicamentos, nomeadamente para muitas terapias de combate ao cancro, pelas tintas e corantes, pelo desenvolvimento de materiais e superfícies, da nanoconservação dos alimentos e da preservação do ambiente”.

TEXTO CARLA SOFIA FLORES

A BUSCA DA CURA PARA A SIDA

Considerada uma das maiores epidemias dos últimos 30 anos, a SIDA já matou 25 milhões de pessoas por todo o mundo e continua a aniquilar 15 mil vidas todos os dias, sendo Portugal o país europeu com maior taxa de novas infecções.

A busca de uma cura é incessante e cientistas unem esforços com o objectivo permanente de encontrar o “elixir da salvação” para os milhões de seropositivos que lutam pela vida. De momento, a prevenção, nomeadamente o uso de preservativo, é o único meio para contornar este flagelo, mas, por aqui e por ali, já começam a surgir avanços que aos poucos vão-se revelando primordiais no combate à SIDA.

Vírus em mutação:

Prevê-se um longo caminho até à cura desta doença, pois, apesar dos enormes progressos no conhecimento do vírus HIV e da sua interacção com o portador, serão precisos mais tecnologia e novos especialistas. Isto, porque a infecção do HIV é muito mais complicada do que outros tipos de infecção, na medida em que o vírus é variável e afecta mais rapidamente o sistema imunitário do que a resposta que este é capaz de dar.

No Verão do ano passado, foi mesmo identificada uma nova variante do vírus da SIDA nos Camarões. Até então estavam registadas duas estripes: o HIV-1, com maior incidência, e o HIV-2, menos frequente, sendo que o primeiro está dividido em três variantes (M, O e N). Este novo tipo de vírus, por se assemelhar às variantes do HIV-1, foi denominado por P. De acordo com os investigadores franceses que detectaram o HIV-1 P, “a descoberta desta nova variante veio reforçar a necessidade de acompanhar de perto o aparecimento de novas variantes do HIV, especialmente na África Central, onde está a origem de todos os grupos do HIV-1”.

Fármacos mais eficazes:

Embora, numa primeira observação, a identificação de novas variantes do HIV possa parecer negativa, estas descobertas são benéficas para que se produzam fármacos eficientes.

Recentemente, investigado-

res do Instituto de Medicina Molecular (IMM), em Lisboa, publicaram um estudo que apresenta avanços neste sentido. Descreveram assim a forma como uma família de fármacos anti-virais inibe a entrada do vírus HIV-1 nos glóbulos vermelhos e glóbulos brancos humanos.

Além disso, cientistas americanos e tailandeses também conseguiram desenvolver uma vacina capaz de reduzir os resultados do ensaio com esta vacina - que derivou da junção de outras duas antes testadas para o efeito, mas que não se tinham revelado eficazes quando aplicadas isoladamente - indicam que o desenvolvimento de uma vacina para travar a SIDA a nível mundial é plausível. Ainda que os resultados tenham sido parciais, o principal objectivo deste ensaio era provar a validade do conceito de vacinação na prevenção da infecção do HIV, pelo que se chegou à conclusão de que se pode induzir uma resposta no sistema imunitário.

Combater a SIDA na CPLP:

A fim de reduzir as desigualdades no combate desta epidemia nos países lusófonos, os membros da CPLP assinaram no final de Março um acordo que oficializa a Rede de Investigação e Desenvolvimento em Saúde para combater o HIV/SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis, tendo-se assim dado mais um passo marcante numa questão tão importante como é esta luta. Espera-se então que este acordo permita que a SIDA e as outras infecções sexualmente transmissíveis possam deixar de ser um problema com a magnitude e gravidade que ainda têm nos países lusófonos, fazendo-se cada vez mais e melhor investigação.







TEXTO SORAIA FERREIRA

SIM, ACEITO!

“Quando em 2009, o programa do Partido Socialista (PS), para as legislativas, inclui o o acesso ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, fica a expectativa, no caso de vitória.”

O primeiro mês deste ano foi de comemorações para todos aqueles que acreditam na luta pela igualdade. Mais um passo foi dado, pois Portugal em breve também poderá ser um país onde os casais homossexuais terão acesso ao casamento civil.

Já em 1982 esta luta ganhava as suas batalhas. Foi nesse ano que deixou de ser considerado criminoso aquele cuja orientação sexual não fosse heterossexual. No ano de 2001, o nosso país

aprovou a lei que concedia a união de facto a casais compostos por pessoas do mesmo sexo. Em 2004 a Constituição da República proibiu a discriminação com base na orientação sexual. Quando em 2009, o programa do Partido Socialista (PS), para as legislativas, inclui o o acesso ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, fica a expectativa, no caso de vitória. Após serem declarados vencedores a necessidade de cumprimento do programa fez com que em Outubro a Proposta de Lei fosse agendada. No decorrer dos acontecimentos o Bloco de Esquerda (BE) e o Partido Ecologista os Verdes (PEV) apoiaram a iniciativa do PS.

Em Dezembro a Proposta de Lei é aprovada pelo Conselho de Ministros e a 8 de Janeiro de 2010 o Parlamento vota a Lei sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, com votos a favor do PS – excepto duas deputadas da sua bancada que votaram contra –, PCP, Bloco de Esquerda e Os Verdes, aprovando assim o documento na sua totalidade. Já o PSD, mesmo com a liberdade de voto disponível, votou contra e apenas sete deputados enveredaram pela abstenção. O CDS-PP ficou-se pela rejeição do projecto-lei, como não poderia deixar de ser, tendo em conta a sua posição. No fim de contas mais uma etapa foi alcançada, mas como a discriminação não preenchia na sua totalidade o programa do

PS, só o casamento passou a ser possível, ficando a adopção em linha de espera.

Entretanto, no passado dia 14 de Março, o Presidente da República pronunciou-se sobre o assunto, tendo afirmado que enviou o diploma sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo para o Tribunal Constitucional por este suscitar “dúvidas” quanto à sua constitucionalidade. A acompanhar este pedido, foi também enviado um parecer do Dr. Freitas do Amaral que recorre a argumentos como que a figura jurídica do casamento foi criada entre um homem e uma mulher, presumindo a constituição de família e a “propagação da espécie”, e que tal só seria possível através tanto do casamento como da união de facto entre heterossexuais. Resta-nos, portanto, aguardar a resposta do Tribunal Constitucional. Contrapondo esta posição, Miguel Portas alerta que esta posição reiterada nas palavras do Dr. Freitas do Amaral, quando levada ao extremo é usada para justificar que as relações sexuais só devem ser mantidas quando o objectivo é a reprodução.

A discriminação é e será sempre o assunto central quando se trata de homossexualidade, pode ser utilizada a favor ou até contra, mas com a evolução da sociedade esperemos que esta se vá desvanecendo.

CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO

- Países onde é permitido

Holanda (2001), Bélgica (2003), Espanha (2005), Canadá (2005), África do Sul (2006), Noruega (2009), Suécia (2009), Áustria (2010), Luxemburgo (2010)

- Estados onde é permitido:

Massachusetts, EUA (2004), Connecticut, EUA (2008), Iowa, EUA (2009), Vermont, EUA (09/2009), Maine, EUA (09/2009), New Hampshire, EUA (01/2010), Distrito de Colúmbia, EUA (03/2010), Cidade do México, México (03/2010)

- Casamentos no estrangeiro são reconhecidos em:

Israel (2006), Nova Iorque EUA (2008)

- Países onde está a ser discutido:

Aruba, Austrália, Brasil, China, Estónia, França, Irlanda, Letónia, Lituânia, Nova Zelândia, Roménia, Taiwan, Estados Unidos

TEXTO LUÍSA CAMPOS

POLITIQUE BARATA

Sim, eu aqui neste pequeno canto, gentilmente a mim cedido, vou falar sobre política. É, sobre política, aquele “bicho”, agora quase medonho, que soa a um grande palavrão na cabeça dos miúdos e a desonestidade e desilusão na cabeça dos graúdos. Calma, prometo não ser maçadora, aborrecida ou algo que se pareça, não vou aqui falar em política no seu mais puro estado, pois aí garanto, seria entediante. Agora, pés bem assentes na terra e mãos à obra. Com toda a instabilidade sentida, os políticos surgem agora com uma luz ao fundo do túnel: chama-se esperança. À dona esperança, que surge na esfera política nesta época conturbada, pode-se juntar, também, a senhora dona paciência e, quiçá, perseverança? É verdade, gosto de perguntas retóricas.

Caricatamente, reparo, agora, que ao colocar-se no Google “político honesto” surgem inúmeras opções, tal como “político honesto sinto-me/estou com sorte” ou “políticos corruptos”. Escolhi o “político honesto” e, tal como eu, vejo mais uma centena de pessoas que também nutrem um sentimento especial por perguntas retóricas. Termino esta minha pequena pesquisa concluindo que, tal como a história das minhocas do Big Mac, o político honesto já faz parte dos mitos urbanos. Atrevo-me ainda a classificá-lo como “espécie” em vias de extinção.

Agora, podia falar da despedida da Dr.^a Manuela Ferreira Leite da presidência do PSD, pelo qual agitou a bandeira e ultrapassou, simpática e veementemente, todos os jornalistas e apoiantes que a interpelavam nas arruadas – acção que inicialmente não pretendia fazer –, nas passadas eleições legislativas, prova disso são as fotografias que os *paparazzi* lhe foram tirando. Acrescento que a sua fotogenia nessas acções era genuinamente engraçada; era o chamado “Compromisso com a Verdade”. Já que referi o PSD, podia também falar do seu actual presidente, Pedro Passos Coelho,



“Termino esta minha pequena pesquisa concluindo que, tal como a história das minhocas do Big Mac, o político honesto já faz parte dos mitos urbanos. Atrevo-me ainda a classificá-lo como “espécie” em vias de extinção.”

que tem em si depositada a esperança de milhares de militantes

O processo Face Oculta também podia ser aqui exposto, tal como a asfixia democrática ou as eleições presidenciais que se irão realizar em Janeiro de 2011, mencionando, claro, os candidatos já conhecidos. Podia também referir o nosso Ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, que anda numa azáfama total com o PEC, sem esquecer, claro, o lado púdico que transparece sempre que fala na crise e no desemprego. Provavelmente, também poderia partilhar, com os meus caríssimos leitores, um pouco da actualidade política mundial ou, então, tentar encontrar uma maneira de alcançar esse polvo nacional que anda por aí à solta, sem paradeiro certo. Se o Estado oferecesse recompensa a quem o encontrasse até eu viraria uma autêntica Sherlock Holmes! Pronto, já estou cansada. Isto de estar a enumerar todos estes casos entediou-me, porque enxaqueca já não provoca, nós, portugueses, já lhe estamos imunes.

Quantos tentáculos tem o polvo? Irra, que qualquer dia ainda me apanha!

TEXTO SANDRA COUTINHO

FINALMENTE NO PALCO PRINCIPAL



No dia 10 de Abril, pelas 16.00 horas, SU 1º Dezembro e Boavista FC, jogarão a Final da Taça de Portugal de Futebol Feminino. Pelo caminho a equipa de Sintra eliminou o SM Murtoense, UD Oliveirense e o Escola FC (detentor do troféu), já o Boavista FC deixou para trás o Escola FF Setúbal, FC "Os Belenenses" e Cadima.

A Taça é, à semelhança do que acontece com o futebol masculino, uma festa lindíssima e sempre muito esperada. Este ano a introdução de um elemento captou todas as atenções e fez sonhar ainda mais com a final todos aqueles que poderiam alcançá-la, este foi o local onde será disputada: Estádio Nacional-Jamor.

Prova reconhecida pela Federação Portuguesa de Futebol desde a época de 2003/2004, vem ganhando desde então importância no universo do futebol feminino e notoriedade fora dele.

Depois da "vitória" que foi ouvir o hino nacional na final do ano passado, saltar para o palco principal da prova, deixando de lado palcos secundários, pode ser um factor impulsionador para a divulgação e desenvolvimento da modalidade.

Ao 1º Dezembro, campeão nacional e finalista em cinco edições da taça, e ao Boavista FC, finalista em três e militante na Primeira Divisão Nacional de Futebol Feminino, coube a honra de inscreverem os seus nomes na ainda curta história do "nosso futebol". É, possivelmente, a segunda final mais aguardada, só ultrapassada pela emoção da primeira edição da prova.

Todo o universo, quer praticante, quer ao que apoia a modalidade, tem agora a possibilidade de intervir no rumo da história ao embelezar o estádio com as suas presenças e contagiar o ambiente com alegria e boa disposição.

A taça é uma festa... Eu vou!





TEXTO AODH

WICCA A FILOSOFIA PAGÃ

Caros leitores,
Venho aqui convidar-vos a embarcar numa viagem entre o real e o fantástico, à clareira do conhecimento, onde apenas, sob algumas regras e precauções, os critérios morais e a vontade são os nossos guias.

Não quero avançar sem antes vos dar uma pequena noção, a título de preâmbulo, do que é a Wicca e o seu contexto histórico e premissas. Sem grandes demoras, a Wicca é uma corrente filosófica neo-pagã que respeita, acima de tudo, a Vida e a Natureza, comemorando-a e interagindo com ela. Existem aqueles que a definem como religião, não deixando de estar correcto, pois se olharmos ao sentido epistemológico da palavra – do grego *re ligio* – que exprime a ideia de voltar a ligar. Com efeito, desde a era primitiva que o Homem tem a necessidade de explicar os fenómenos que o rodeiam, que considerados mistérios, acabaram por ser relacionados com poderes divinos. À medida que o Homem foi evoluindo, assim as suas práticas e os seus cul-

tos também evoluíram, no que concerne ao que História humana considera por cultos pagãos, que se dividiram e ramificaram em diversas crenças e práticas religiosas.

Assim, a Wicca pode ser considerada como o reacender da velha chama do que ainda se conhece da cultura céltica, uma das ramificações primordiais da História humana europeia.

Desde muito cedo, os nossos antepassados perceberam a Natureza e o Universo como um todo, como um organismo vivo, que lhes provia abrigo e alimento. Pela observação, compreenderam a relação entre o Sol/Lua e os seus efeitos sob a Terra. Daí que o Todo acaba por se subdividir em duas divindades principais: O Sol como elemento masculino e a Lua como elemento feminino – ambos faces da mesma moeda.

Cada um destes dois assume vários aspectos; o Deus Sol e a Deusa Lua assumem, ao longo do ciclo anual, vários aspectos, que são reverenciados, surgindo assim um panteão politeísta, onde

todas as partes do Todo são representadas. Na procura constante de protecção, garantias de fertilidade e de prosperidade dos campos e da tribo, foram desenvolvidas certas práticas que originaram o seu culto primordial – a magia nada mais é do que a manipulação das energias próprias e cósmicas segundo a vontade do praticante.

Com efeito, rapidamente se compreendeu que tudo, à semelhança do axioma fundamental da Física actual, é energia e que neste caso, ela é passível de ser trabalhada, direccionada pela vontade humana – ideia que viria a ser veementemente combatida pelo Catolicismo, no caso da helenização e romanização, diásporas gregas e romanas respectivamente, a cultura invasora fundiu-se com a autóctone para fundar uma outra.

É sobre essa fusão e apoderação de costumes e datas festivas que vos vou falar na próxima edição.

A CAMIONA



ESQUECE O RÓTULO. CONHECE A PESSOA





Avança!



ABRIL

9



- Aniversário de rede ex aequo

No dia 09 de Abril, a rede ex aequo celebra 7 anos de existência e para celebrar, foi organizada uma festa no Maria Lisboa!

- De 9 a 11 de Abril: 7º Ciclo de Cinema LGBT

Irá realizar-se em Lisboa, na Crew Hassan, o ciclo de cinema LGBT, que pretende sensibilizar para as questões relacionadas com a orientação sexual e identidade de género através da projecção de filmes que abordem a temática. O programa conta com filmes como "Nico e Dani", "Prayers for Bobby" e "She's a Boy I Knew".



10



- Ciclo de Tertúlias "CASA de Palavras"

Mantendo a tradição, a associação CASA vai no dia 10 de abril de 2010 estar à conversa com Raquel Lito, jornalista do "Sábado" e autora do livro "O 3º Sexo". A tertúlia terá lugar no Piano-bar do Clube Literário do Porto, às 18 horas.

17

- Encontro AMPLOS

À AMPLOS irá realizar o seu próximo encontro no espaço CES-Lisboa (Picoas-Plaza ao Saldanha) e terá início às 14h30, dirigido apenas a pais e familiares próximos, sendo seguida por uma sessão aberta (às 17 horas) sobre o tema "Escola Segura – prevenção do bullying homofóbico"



24



- 1º Encontro Angel Surdos

O grupo dirigido a Surdos LGBT, Angel Surdos, terá o seu primeiro encontro no dia 24 de abril de 2010. O encontro será às 17h no Jardim Zoológico de Lisboa, seguido de um jantar.

- De 24 a 25 de Abril: Arraial de Abril

Repetindo o êxito de 2009, na noite de 24 para 25 de abril, novamente no Largo do Carmo vai ter lugar o Arraial de Abril, tendo presença de associações LGBT, tendo como objectivo não deixar morrer a memória da revolução dos cravos.



TEXTO LÚCIA SOUSA

BODIES THAT MATTER



“Estima-se que 40% dos transexuais que recorrem a serviços de saúde por todo o país sofrem algum tipo de discriminação, algo difícil de provar, uma vez que a maioria não se dirige a nenhuma instituição na qual possa apresentar uma queixa sobre aquilo que lhe aconteceu.”

Num ano em que se defende a tolerância para com o outro, continua a assistir-se a actos de discriminação em alguns hospitais, nos quais o tratamento médico é recusado aos transexuais. Embora se pense que pessoas com mais formação são menos preconceituosas, isto não se verifica na classe médica na sua generalidade. Recentes pesquisas de grupos de ajuda a transexuais depararam-se com a discriminação que estes sofrem quando se dirigem a um hospital ou centro de saúde para receberem tratamento médico. “Na maioria das vezes, os médicos se recusam-se a tratar o paciente e inventam uma desculpa qualquer para não o fazer ou passam o caso a outro colega”, refere Rita, 28 anos, psicóloga e voluntária de uma associação que ajuda pessoas transexuais.

Na maioria dos casos, os argumentos utilizados para não fornecer tratamento a estes pacientes são de que os médicos não estão preparados para o fazer, alegando que a sua formação não lhes deu competência para tal, ou então que temem ser contagiados com alguma doença de que estes pacientes possam ser portadores, caindo nos lugares-comuns da discriminação contra transexuais.

Jorge, 32 anos, que fez a cirurgia de redesignação de sexo há dois anos, afirma “Nunca senti qualquer tipo de discriminação no centro de saúde que frequentei, nem no hospital da minha área. Nunca nenhum tratamento me foi recusado, todo o pessoal médico me trata muito bem, como se fosse, se assim se pode dizer, um doente “comum”. Claro que isso não impede olhares curiosos do pessoal auxiliar e de médicos novos, nem que olhem para mim de forma mais inquisidora, mas ao fim de algum tempo isso desaparece.”

Já Isabel, 45 anos, que ainda não concluiu o processo de

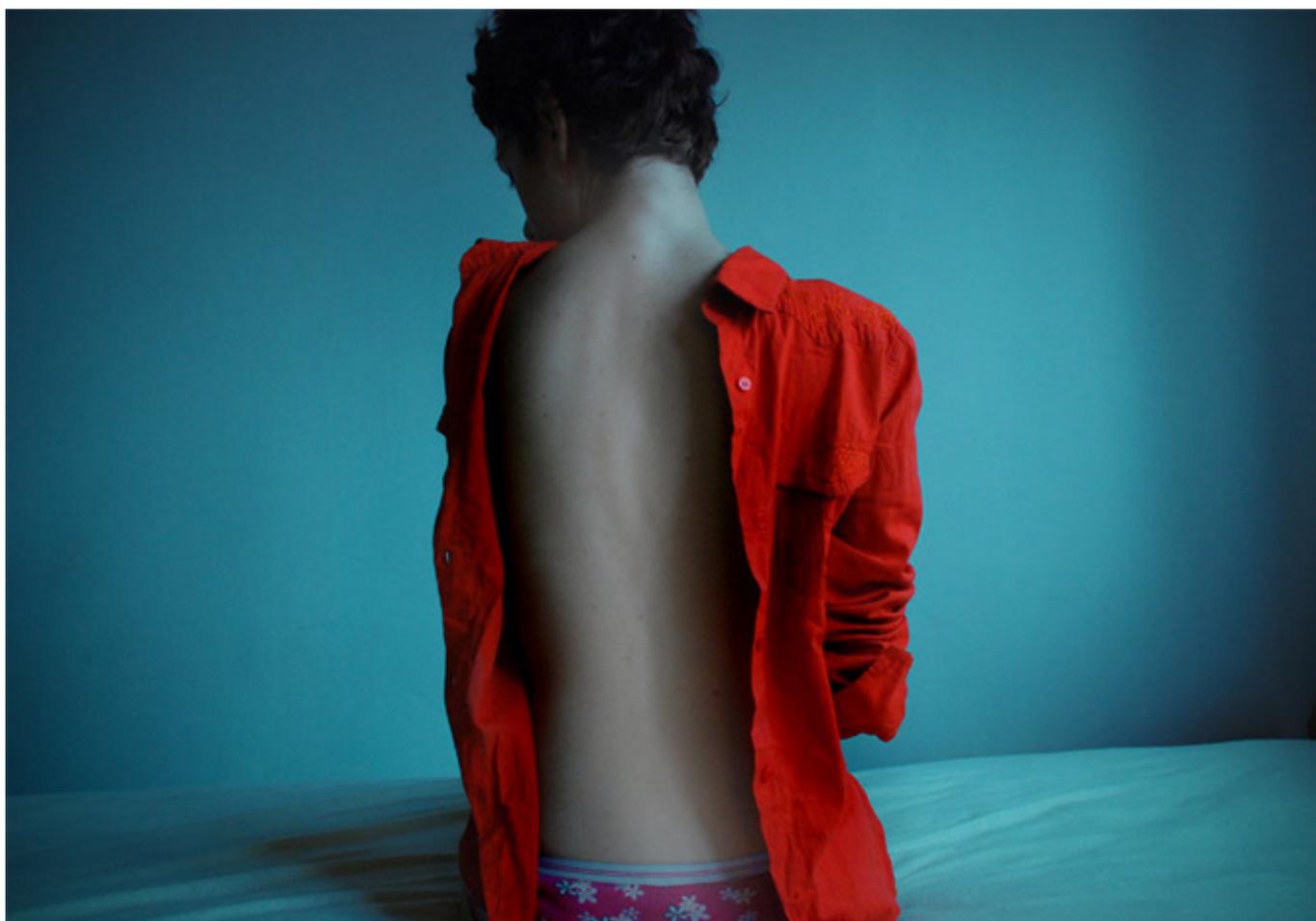
transição, diz que, no caso dela, não se ficam só por olhares indiscretos e que recusa de tratamento é uma realidade. “Muitas vezes passam mesmo a ser comentários de natureza detestável. Riem-se nas nossas costas, fazem comentários que muitas vezes vão além daquilo que sabem. É muito desconfortável ter de recorrer a estes sítios, sabendo muitas vezes aquilo que nos espera.”

Rita refere que aquilo que diz se aplica a pessoas de nacionalidade portuguesa, mas que quando se trata de emigrantes a situação ainda é mais complicada. “No trabalho com emigrantes torna-se bastante mais fácil recusar ajuda e tratamento alegando que eles são ilegais ou que os documentos não são válidos. Nesses casos, a maioria dos emigrantes transexuais que procuram a associação onde é voluntária pedem para ser acompanhados até um centro de saúde ou hospital, para que o tratamento não seja recusado.” Para o efeito, aqueles que os acompanham fazem-no munidos de legislação que confirma o impedimento à recusa de tratamento. “Na maioria das vezes,” continua Rita, “somos acompanhados por advogados que trabalham conosco *pro bono* e que garantem que o que está ali escrito seja cumprido.”

Estima-se que 40% dos transexuais que recorrem a serviços de saúde por todo o país sofrem algum tipo de discriminação, algo difícil de provar, uma vez que a maioria não se dirige a nenhuma instituição na qual possa apresentar uma queixa sobre aquilo que lhe aconteceu. “É muito complicado tentar mudar as mentalidades, se nem num local como os hospitais podemos confiar em quem está lá para nos ajudar e dar algum conforto quando precisamos”, termina Rita.

TEXTO LUÍSA REIS

MATANDO DILEK INCE



“O Comissário queria falar com activistas transexuais dos vários estados do Concelho da Europa, para saber o que faltava em matéria de direitos. Havia muito a discutir.”

Cheguei a Estrasburgo a meio da tarde. Fiz o *checkout* do aeroporto, meti-me num autocarro até à periferia da cidade, e depois no eléctrico até ao centro. Saí mesmo à porta do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Fiquei a olhar uns momentos para o edifício coberto de vidro, a luz do sol que reflectia já amolecida pelo entardecer. Do outro lado da rua, o edifício do Parlamento Europeu, mais maciço que o do tribunal. Perguntei a uma mulher que passava o caminho para o Centro Europeu da Juventude, e pus-me a andar.

Cheguei e dirigi-me à recepção. Era lá que ia ficar durante a reunião com o Comissário para os Direitos Humanos do Concelho da Europa, o Thomas Hammarberg, antigo presidente da Amnistia Internacional. O Comissário queria falar com activistas transexuais dos vários estados do Concelho da Europa, para saber o que faltava em matéria de direitos. Havia muito a discutir.

Cheguei ao *lobby* e reconheci caras com que já me tinha cruzado várias vezes antes. Sentei-me com eles para descansar e pôr a conversa em dia. Nos meses largos entre cada encontro, em conferências e acções de formação sempre num ponto diferente da Europa, pensava de quando em quando nos meus amigos distantes. Era bom saber que estavam todos bem, ver as caras e ouvir as vozes enquanto falavam, em vez de trocar só algumas linhas por email. Acabei por subir para o meu quarto, deixei lá as malas, e voltei para o jantar. A maioria dos participantes já tinha jantado e recolhido aos quartos para a noite. Fiquei sozinha com duas pessoas que ainda não co-

nhecia, a Michelle e o Kris. Ela era uma mulher transexual, alguém a quem tinham escrito um 'M' no assento de nascimento, mas que sempre se tinha sentido uma mulher. Vivia como mulher, e era como mulher que todas as pessoas à sua volta a conheciam. Ele era o caso o contrário, tal como a maioria dos activistas que tinham sido chamados à audiência. Ao contrário do que a maioria das pessoas ainda acha, pelo menos em Portugal, na maioria dos países do Mediterrâneo e mais alguns outros, a maioria das pessoas transexuais são homens e não mulheres. Em Portugal, há dois homens para cada mulher transexual, e na Polónia cinco. Provavelmente existem muitos mais países em que é assim, mas por várias razões – uma delas é a sociedade estranhar, reparar (e discriminar) mais alguém que faz um *downgrade* aparente de homem para mulher, que o contrário – nelas repara-se mais do que neles. Apesar de eles poderem ser vítimas de um pouco menos de discriminação, isso também tem servido para apagar a voz e a existência dos homens transexuais.

A Michelle era da Turquia, loura e alta, mas tímida e de maneiras suaves. O Kris, mais baixo que nós as duas, mas também reservado e gentil. Após as introduções, e como a cozinha já tinha fechado, decidimos pedir pizzas por telefone. O empregado avisou que ia demorar, e fomos sentar-nos na sala de jantar enquanto esperávamos.

Aproveitamos a ocasião para nos apresentarmos me-lhor. Ela trabalhava com a Lambda Istanbul, ele com a TransGayten. Ambos tentavam lutar por direitos em países com uma atmosfera social e política



ainda muito hostil. Ela contou-nos das constantes tentativas por parte do governo turco para fechar a associação com que trabalhava, por violar uma lei que proibia organizações que “iam contra a moral nacional”. Existiam outras, mas se conseguissem fechar a Lambda abriam um precedente, as restantes teriam rapidamente o mesmo destino. O caso já tinha conhecido várias reviravoltas judiciais: sentenças a ordenarem o encerramento que eram anuladas uma ou duas semanas depois, mas para logo a seguir o processo voltar ao início. As coisas não eram tão más na Sérvia, mas mesmo assim tinha os seus problemas. O Kris era activista na área da transexualidade que conheci na Sérvia – na Bósnia e na Eslováquia também. Já me tinha sentido sozinha por existirem muito poucas pessoas a acompanharem-me num trabalho contínuo e comprometido de intervenção social e política no meu próprio país, mas imaginei como seria não existir mais alguém por cá, em Espanha e em França. Pouco antes de as pizzas chegarem, a conversa já estava mais pessoal. Falamos das nossas vidas, profissão, interesses e dia-a-dia. Ele era de Belgrado, já tinha completado o processo de transição de género. A documentação já dizia que era homem, tinha ido a uma conservatória e mudaram-lhe discretamente o nome e sexo legal. Entretanto casou-se, e tinha três ou quatro empregos semi-permanentes em *part-time*. Um deles era noutra país, apanhava o comboio pela manhã, e voltava, já pela noite escura, a Belgrado. O aspecto dele era impecavelmente masculino, barba forte pelo rosto fora, voz grave, pulsos largos, e robusto de constituição – com a terapia hormonal e o tempo (geralmente poucos meses bastam), os homens transexuais tornam-se exemplos impecáveis de masculinidade. Ninguém à volta dele, tirando a família e alguns amigos, sabia que não tinham registado o Kris como menino na certidão de nascimento. O que significava que

podemos ser alvo de uma discriminação quando somos visíveis para os outros como algo contra o que têm um preconceito. Ninguém o podia criticar, faz pouco sentido investirmos tanto tempo, energia e dinheiro num processo de transição, para depois termos de suportar eternamente o fardo do ódio sobre nós. A história da Michelle era menos pacífica. Contou-nos como as amigas dela eram presas por “prostituição” depois da polícia “encontrar” (na verdade, colocar) preservativos nas suas casas, que bastavam como prova.

As pizzas, quentes e de tamanho generoso, tinham acabado de chegar, quando nos começou a falar da Dilek. Fomos buscar guardanapos e talheres. A cozinha já tinha fechado, encontramos só quatro garfos de que alguém se esqueceu num carrinho parado em frente à lavandaria. Guardanapos não havia. O Kris foi buscar lenços de papel ao quarto.

Michelle, contava-nos, era amiga da Dilek há anos. Uma noite – havia menos de uma semana – iam no carro de Dilek, regressando a casa depois de um dia de passeio com mais amigas. Estavam no meio do trânsito, mesmo à entrada de Ankara, quando de repente o vidro da parte de trás do carro se partiu com um estrondo. Passado um minuto, no meio da escuridão alguém dispara outro tiro de caçadeira, que atinge Dilek na cara. Ela caiu sobre o volante, com a cabeça a cobrir-se rapidamente de vermelho. Depois de um momento inicial de choque, Michelle tomou a amiga nos braços, passou-a para o banco de trás, e arrancou pela estrada fora. Foi limpando os bocadinhos de carne, sangue e osso projectados sobre o pára-brisas e para ela própria. Atrás, ouvia a amiga inconsciente a agonizar, o estertor da respiração, o sangue que não parava de correr. Ainda em choque, chegaram ao hospital de Ankara-Diskapi, e entregaram o corpo ferido ao cuidado das urgências. Os médicos tentaram estancar as feridas, tiraram-lhe oito chumbos do crânio, mas já sabiam que o esforço era em vão. Dilek sobreviveu mais duas horas, e depois mor-

“Elas apresentaram queixa na polícia, conscientes de que pouco valia, o estado turco estava tipicamente pouco motivado para proteger as pessoas transexuais do ódio e agressão.”

reu sem ter chegado a recuperar a consciência. Michelle e as outras já tinham ligado a mais amigos, que foram chegando ao hospital. A noite, passaram-na entre lágrimas e terror. Já sabiam quem eram os assassinos, porque o que aconteceu estava denunciado. Era um grupo de homens que já tinha agredido a Dilek e outras mulheres transexuais em Eryaman. Elas apresentaram queixa na polícia, conscientes de que pouco valia, o estado turco estava tipicamente pouco motivado para proteger as pessoas transexuais do ódio e agressão. Os agressores chegaram a ficar em prisão preventiva em outra ocasião, mas pouco depois foram soltos, ainda em fase de inquérito, depois de Dilek testemunhar pessoalmente contra eles. Aproveitaram então a liberdade para acabar com a queixa de vez. A comunidade e as associações LGBT responderam ao assassinato com uma manifestação poucos dias depois em Ankara, em frente ao Monumento para os Direitos Humanos. Mas as suas denúncias e protestos caíram em ouvidos moucos, a justiça turca não encontrou culpados, nem as atitudes oficiais de assédio aberto às pessoas transexuais mudaram. Ficamos calados até Michelle chegar ao final da história. Eu tinha deixado a pizza a meio, e não sentia grande vontade de a acabar. Arrumámos a mesa, e fomos sentar-nos no lobby, ainda soturnos. Estavam lá três jovens de aspecto nórdico em conversa entusiasmada. Uma sueca de gorro multicolorido pegou na guitarra que tinha trazido e começou a arranhar acordes. Ficamos a ouvi-la a cantar *Zombie* dos Cranberries. Sorrimos-lhes, mas não nos sentíamos capazes de trocar muitas palavras. Estava absorta a contemplar Michelle, admirada por, apesar de tanta dor e lágrimas que a vida já lhe tinha trazido, ela não ser uma pessoa amarga, nem defensiva. O sorriso espontâneo persistia, apesar de muito pouco que o pudesse alimentar. No dia seguinte, logo pela manhã, reunimos com o Comissário. Entramos no monólito do Parlamento Europeu, a luz da madrugada ainda não tinha apagado completamente a noite, e quando dele saímos, já

ela se tinha ido. Michelle relatou novamente a história Dilek. Eu falei sobre o assassinato da Gisberta, de como nada tinha mudado desde então, da falta de uma Lei de Identidade de Género, da falta de mais completos e céleres cuidados de saúde no processo de transição, da discriminação laboral, e da imagem fortemente negativa e estereotipada da população acerca da transexualidade que os média continuam a passar. O Comissário ouviu-nos com atenção, enquanto tirava notas. No final, assegurou-nos que achava a situação grave, e prometeu-nos a sua ajuda junto aos governos dos estados europeus. Despedi-mo-nos no dia seguinte, à medida que cada um de nós ia saindo do Centro para apanhar o táxi rumo ao aeroporto. O Comissário, como prometido, publicou logo em Janeiro seguinte um *viewpoint* (análise breve) sobre o assunto. Em Julho, veio um *issue paper*, bastante mais extenso, e com recomendações detalhadas. Voltei a encontrá-lo em Novembro do ano passado, quando veio a Portugal e reuniu com várias ONGs na área dos direitos humanos. Aproveitou a ocasião para enviar uma carta aberta ao Secretário de Estado da Justiça, em que mencionava as lacunas nos direitos das pessoas transexuais no nosso país. Apesar disso, nada foi ainda feito. O casamento entre pessoas do mesmo sexo já passou pelo nosso Parlamento, mas nenhum dos partidos políticos portugueses fala na Lei de Identidade de Género como uma prioridade imediata. Lembro-me de vez em quando da Michelle e do Kris. Já o voltei a encontrar (ele tornou-se no amigo mais querido que já fiz nestas viagens), ela infelizmente ainda não. Penso no tempo que passa e nas saudades que tenho desses meus amigos, e outros, vividas durante os meses largos ou anos entre cada reencontro. E penso também que apesar desse tempo, nada mudou em Portugal. A falta de direito legais e civis, o preconceito e ódio, esses sobreviveram à Gisberta e à Dilek.



TEXTO ANA PIRES

LIBERTÉ, ÉGALITÉ ET FRATERNITÉ

Sim, estes são os ideais da Revolução Francesa, mas podiam perfeitamente ser o lema do Movimento LGBT a nível mundial. Cada vez que rogamos por liberdade para expressar quem somos, sem reservas ou medo de retaliações,

aquilo que queremos. Pela **igualdade**, na medida em que só tendo os mesmos direitos e deveres podemos ser iguais. Pela **fraternidade**, pois só quando se ama o próximo como a nós mesmos conseguimos aceitar tudo aquilo que

dade de ser racional era algo inerente a todos os seres humanos, e que por isto as luzes da razão iluminariam as suas acções para que assim o mundo fosse organizado de modo mais justo. Utópicos? Talvez, mas acreditar, por si

“(...)só quando se ama o próximo como a nós mesmos conseguimos aceitar tudo aquilo que ele é sem reservas(...)”

cada vez que pedimos o direito de sermos iguais a qualquer outro cidadão, cada vez que apelamos para a consciência de que somos pessoas que amam e não apenas máquinas sexuais guiadas pela luxúria e a vaidade. Todas as vezes que fazemos cada uma destas coisas estamos a lutar pelo quê? Obviamente que pela **liberdade** de poder fazer ou não

ele é sem reservas, e respeitá-lo mesmo que não concordemos com as suas opiniões, mesmo que detestemos os seus defeitos ou que não entendamos a sua orientação sexual. Os Iluministas, fundamentalmente burgueses, buscaram a igualdade através do culto à razão. A filosofia Iluminista baseava-se na crença de que a capaci-

só, implica alguma utopia, ainda mais se a crença recaí sobre os seres humanos que são tão imperfeitos e imprevisíveis. Séculos depois de o Movimento Iluminista ter marcado a História, o Movimento LGBT, impossível de estereotipar, por ter elementos nos quatro cantos do mundo dos mais baixos aos mais altos patamares sociais, tenta não perder a esperança



nas capacidades relativas à racionalidade dos seres humanos, continua a lutar pela igualdade de direitos, já que a igualdade de deveres é-nos imposta. Essa luta baseia-se num apelo da utilização da consciência, das capacidades de raciocinar que todos os seres humanos possuem, para que seja compreendido de uma vez por todas que independentemente daquilo que nos faz diferentes, aquilo que nos faz iguais é maior do que qualquer religião ou nacionalidade, afinal, que eu saiba, somos todos seres humanos. Embora alguns tenham o raciocínio mais enferrujado do que outros. Nós, os LGBT, de todas as raças, credos, nacionalidades, formas e tamanhos, rogamos pela liberdade, pela igualdade e pela fraternidade não por um capricho,

*“Nós, os LGBT,
(...) rogamos pela
liberdade, pela
igualdade e pela
fraternidade não
por um capricho,
mas porque é um
direito que te-
mos.”*

mas porque é um direito que temos. Nós rogamos, pedimos, solicitamos e, não raras vezes, suplicamos por um direito que é nosso e que ninguém em sã consciência poderia sequer pensar em negar. Quantas vezes e em quantas línguas teremos que dizer que não é uma doença, que não é uma opção, muito menos uma perversão. Quantos ainda serão mortos, molestados, ameaçados ou privados de ter o direito a serem felizes só por não se encaixarem no que alguns consideram ser o padrão?

O Movimento LGBT não pede nada que seja estapafúrdio, não somos loucos, nem queremos converter ninguém. Queremos, apenas e unicamente, algo que estas três palavras – **liberdade, igualdade e fraternidade** – resumem e muito bem.



